

## CARTOGRAFIAS MURILIANAS: EXPERIÊNCIA DA PAISAGEM

Doutoranda Ozana Aparecida do Sacramento<sup>1</sup> (UFMG)  
Doutorando Vicente de Paula Leão<sup>2</sup> (UFMG)

### Resumo:

*Para vivenciar e registrar a experiência paisagística é preciso dilatar, ou apagar um pouco, o pragmatismo que condiciona o comportamento no espaço e isso ocorre quando se deixa guiar por informações novas, pela intuição e expõe-se ao que o espaço oferece e ao aprendido. Essa é a atitude de Murilo Mendes que estende seu “olho armado” sobre a paisagem dos países visitados e daí surge **Siciliana, Espaço Espanhol e Janelas Verdes**. Considerando paisagem como vivência do espaço pela consciência humana, podemos entendê-la como articulação entre elementos naturais, culturais e bagagem do observador. Esse conjunto constituirá a paisagem muriliana em que percepção e memória constituem par indissociável e se configuram paralelamente. A percepção e a escrita da paisagem revela a estruturação da paisagem como vivência, experiência dos sentidos, espaço em que se forjam cartografias exteriores e interiores.*

**Palavras-chave:** Murilo Mendes, paisagem, memória, espaço, viagem.

### Introdução

A viagem, que constitui necessariamente um deslocamento, atravessa a história e os escritos que a tematizam constituem acervo continuamente revisitado. E mesmo agora, quando a evolução tecnológica proporciona diversas formas e meios de deslocar tornando a viagem algo banal, o interesse por esse tipo de escrita permanece impulsionado pelo caráter de aventura, de novidade, de busca de conhecimento, de experiência de que o viajante é protagonista.

Na obra do poeta Murilo Mendes, algumas obras, tanto em prosa, quanto em poesia podem ser considerados relatos de viagem. Essa produção pode, até certo ponto, ser atribuída à própria biografia do autor que a partir dos anos 50 passa a residir na Europa e empreende numerosas viagens por vários lugares. Há ainda que se considerar o trânsito muriliano por outras línguas – francês e espanhol – e pelas artes e artistas os mais diversos. Neste artigo pretendemos tecer algumas considerações sobre as obras **Siciliana, Espaço Espanhol e Janelas Verdes** que abordam questões relativas à experiência de viagem.

Todo viajante realiza um deslocamento que pode ser de ordem temporal, espacial, social, cultural, psicológica. Assim, a escrita de viagem nos informa, além do itinerário imaginário ou empírico realizado pelo viajante, as leituras feitas, as condições sócio-culturais, a sua visão de mundo. O itinerário de qualquer viagem é um espaço estrangeiro, e mesmo que se viaje por lugares – reais ou imaginários – conhecidos de antemão, o viajante assume uma posição exotópica, exterior em relação ao objeto de seu olhar. E tal olhar se materializa sob a forma de uma negociação de signos entre o que familiar e aquilo que é estrangeiro. Dessa forma, aquilo que se vê – pessoas, monumentos, elementos naturais – é dimensionado pela a experiência objetiva e subjetiva do viajante.

Ao se pensar a narrativa de viagem muitos são os aspectos podem ser considerados, e aquele que primeiro se apresenta é o espaço. O termo espaço pode ser visto de variadas perspectivas, dentre elas, a geográfica, a política, econômica, cultural. Segundo Milena Valva:

A questão do espaço foi sempre um tema para reflexão. Desde os filósofos gregos, pode-se constatar essa preocupação, destacando-se a teoria do “topos” desenvolvida por Aristóteles [..]. Ou, ainda, as teorias com base na geometria desenvolvida por Euclides. [...] Foram os sociólogos que desenvolveram a idéia de um espaço humano, trazendo para a discussão a questão da experiência que o homem estabelece com o meio que o rodeia, criando assim, a teoria da percepção do espaço. (VALVA, 2001. p.57)

O geógrafo Milton Santos define o espaço geográfico como sendo um conjunto de sistema e objetos e sistema de ações que formam conjunto indissociável, solidário e contraditório. Os objetos técnicos são as fábricas, fazendas, portos, cidades dentre outros que conferem ao espaço seu caráter técnico. As ações são as atividades humanas em forma de trabalho, isto é, de energia aplicada sobre natureza, transformando-a com o objetivo de produzir condições de vida. Santos mostra ainda que paisagem e espaço não se equivalem. Para ele, a paisagem é fragmentária tanto na percepção quanto na realidade. Ela é, ainda, variável, dependendo de como se posiciona para observá-la. Segundo o autor, a paisagem é o "conjunto de formas que, num dado momento, exprime as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e a natureza. O espaço são essas formas mais a vida que as anima." (SANTOS, 2001. p. 103)

A paisagem, para Santos, congela momentos do passado, pois ela não age, mas é o alvo da ação que pode até ser uma totalidade, mas é morta, porque a totalidade é a atualidade. Assim, a paisagem é um sistema material, enquanto espaço é um sistema de valores.

Para Liz Abad Maximiano, a paisagem

pode ser entendida como o produto das interações entre elementos de origem natural e humana, em um determinado espaço. Estes elementos de paisagem organizam-se de maneira dinâmica, ao longo do tempo e do espaço. Resultam daí feições e condições também dinâmicas, diferenciadas ou repetidas, [...] Paisagem não é o mesmo que espaço geográfico, mas pode ser compreendida como uma manifestação deste. (MAXIMINIANO, 2004).

No artigo Cotidiano e paisagem – uma abordagem cultural, Ana Rieper ressalta a importância dos vínculos das pessoas com lugares, da interação entre o homem e o meio. Assim, a autora afirma que

A paisagem, considerada como um espaço percebido (Collot, 1990), permeia e coloca em relação às esferas da sensação (uma vez que se constitui pela percepção visual), da experiência que irá influenciar nas opções pelo que se enxerga, quando se olha e vive um espaço, e a esfera afetiva, processando e decodificando psicologicamente as possibilidades de apreensão da sensação e da experiência.

Esta abordagem conceitual permite entender o espaço como construção da cultura de um grupo, sem, no entanto, deixar de considerar a relevância das experiências individuais, do olhar da pessoa. (RIEPER, 2007)

As discussões da abordagem conceitual do termo paisagem, como se observa nas palavras dos geógrafos citados, permite entender o espaço como construção, como articulação entre sociedade, paisagem e configuração territorial, ao longo do tempo. Dessa forma, a paisagem é entendida não somente como uma cena, mas também como construção. Corrêa (*apud* Valva, 2001.p.63) mostra as várias dimensões que o termo paisagem pode apresentar

[...] a paisagem tem uma dimensão morfológica, já que é um conjunto de formas criadas pela natureza e pela ação do homem; tem uma dimensão funcional, estabelecendo, assim, uma relação entre as suas diversas partes; uma dimensão histórica, sendo produto do homem ao longo do tempo; uma dimensão espacial, já que ocorre em determinada área da Terra, e tem também uma dimensão simbólica, pois tem significados, expressa valores, crenças, mitos e utopias. (VALVA, 2001. p.55)

Essas dimensões listadas indicam que, ao se considerar a paisagem, não se pode desvinculá-la das relações pertinentes ao tempo e ao espaço, já que a paisagem carrega as marcas da ação, das relações humanas com o meio. Dessa forma, a mesma cena, seja ela a natureza natural<sup>1</sup> ou a configuração urbana e até mesmo as pessoas que transitam ou habitam uma determinada porção territorial, pode ser vista de diferentes formas dependendo da equação pessoal do viajante, do seu modo de olhar.

O olhar de Murilo Mendes, arguto e abrangente, revela um vivo interesse pela música, pelas artes plásticas, pela literatura, por artistas, por museus, por cidades, até por animais e objetos. E segundo o próprio Murilo Mendes, uma curiosidade, um prazer de ver, se manifesta muito cedo:

Ainda menino eu já colava pedaços da Europa e da Ásia em grandes cadernos. Eram fotografias de quadros e estátuas, cidades e lugares, monumentos, homens e mulheres ilustres, meu primeiro contato com um futuro universo de surpresas. Colava também fotografias de estrelas e planetas, de um ou outro animal, e muitas plantas. (MENDES, 1994. p. 973)

Essa curiosidade do menino seria expressa mais tarde em várias obras, três das quais estamos considerando como relatos de viagens. Os textos tanto de poesia (**Siciliana**), quanto de prosa (**Espaço Espanhol** e **Janelas verdes**) referem a lugares e são resultantes de viagens realizadas pelo escritor pelas diversas dimensões da paisagem. Murilo Mendes deixa o Brasil em 1953 e a experiência em outro contexto iria, sem dúvida, refletir-se na sua escrita

## **Viagem e paisagem murilianas**

O livro **Siciliana** é o primeiro livro “italiano” de Murilo Mendes e foi escrito entre 1954 e 1955, trata-se de uma obra poética constituída de 13 poemas em que lugares, natureza e monumentos são pontos de partida para reflexão humanística. Sicília, a maior ilha pertencente à Itália, é repleta de referências históricas, mitológicas, culturais. De acordo com Davi Arrigucci, trata-se de um livro “classicamente sóbrio, sobranceiro, luminoso, embora lacerado por profundas inquietações.” (ARRIGUCCI, 2000. p.116). A linguagem rigorosa revela a áspera e exuberante beleza da ilha e de sua riquíssima história.

Atmosfera Siciliana é o primeiro poema do referido livro e já pelo título indica que é uma introdução à paisagem da Sicília. A Sicília está entre mais importantes sítios arqueológicos da Europa, pois contém vestígios de mais de quinze povos dominadores, entre os quais, fenícios, gregos, ostrogodos, árabes, espanhóis. No verso inicial – “Trinácia, três pernas, triângulo” (SC.

---

<sup>1</sup> A expressão redundante é uma referência aos elementos considerados, pelo senso comum, como natureza, a saber elementos da flora, relevo, hidrografia entre outros.

p.565)<sup>2</sup> o poeta nos apresenta o antigo nome da ilha – Trinácia – e a razão dele, isto é, o formato triangular da ilha. Este verso compassado e que reitera a idéia triangular também fecha o poema.

A ilha pode ser observada sobre diferentes perspectivas: na sua forma (triangular), do alto (A terra ocupando o céu); do centro (O centro da terra explode); do homem (sexo, trabalho), de sua arquitetura (templos de augustos signos/E de lúcida arquitetura) e da própria natureza natural, compreendendo os seguintes elementos, vulcões, cacto, jasmim, enxofre, mar e, também, a perspectiva mítica. Tais perspectivas compõem uma paisagem que inclui os quatro elementos e também a própria sonoridade presente no mar, no verbo soar e no particípio percurtida.

Assim, primeira estrofe apresenta a terra, o sol e o som. Na segunda estrofe, esses elementos provocam a explosão do sexo, apesar da morte representada pelas jovens viúvas de negro. Na terceira estrofe, o trabalho e sua exploração transformam o homem em “cavalo do homem”, mas até o cavalo é explorado em seu trabalho em “E áspera para o cavalo.” Na quarta estrofe o trabalho humano já resulta em algo mais sublime – “O templo de augustos signos” – com sua arquitetura lúcida, racional a marcar a distância entre a dura realidade do trabalho e a presença mítica do deus.

Na quinta estrofe, o céu cede lugar à terra e aqui podemos observar uma oposição entre o céu como algo de sublime e leve, representado pelo templo de “augustos signos” e “arquitetura lúcida” e a terra com suas manifestações ferozes, os vulcões Etna e Strômboli. Numa mesma paisagem, no campo visual do viajante, encontram-se esses dois opostos, a capacidade criadora do homem e a força agressiva da natureza. E por fim, na sexta estrofe, na explosão do centro da terra, a conjugação de elementos que compõem a paisagem, a atmosfera Siciliana, o rude e áspero representado pelo cacto e pelo enxofre e o mais suave e delicado, o jasmim. Ainda temos o mar que ao ser adjetivado com o termo bárbaro lembra as invasões estrangeiras ocorridas na ilha, por via marítima.

Em 21 versos, o poeta introduz o leitor na paisagem da ilha, incluindo tanto as dimensões morfológica, funcional, histórica, espacial e simbólica citadas por Valva. A Sicília, cuja atmosfera nos é apresentada, vai se constituir num espaço, simultaneamente, rude e suave, belo e dramático. Em outros poemas aparece mais acentuadamente a paisagem construída – os monumentos –, como se pode observar pelos títulos de alguns poemas: O templo de Segesta, As ruínas de Selinunte, O claustro de Monreale, Os túmulos reais. Ou seja, nesses poemas enfatizam-se as dimensões morfológicas e históricas da paisagem.

Em As ruínas de Selinunte, temos a paisagem cultural, as ruínas, os fragmentos de culturas assim o cenário – “Em forma teatral” – revela a alternância de culturas e a ação do homem sobre o meio. Nos versos iniciais, a sintaxe fragmentada se conforma às ruínas as quais formam um corpo exato, sólido, resistente, severo. E associadas aos dois elementos naturais, céu e mar, contribuem para a composição de um espaço que se quer organizado, mesmo em ruínas. Estas formam imagens plásticas e dramáticas e esta apreensão de um objeto cultural monumentalmente disposto entre os elementos da natureza – céu e mar – suscitam reflexões sobre a existência humana, sobre a “desmesurada” medida do homem.

Além da paisagem cultural, há referências, nos poemas citados e nos demais que integram o conjunto da obra Siciliana, aos elementos físicos da formação geológica da ilha, como rochas, enxofre, argila, gesso, xisto. A secura dessa paisagem corresponde a uma sintaxe incisiva, sintética. Acentua-se o elemento físico captado em *flashes* já que os vestígios, os rastros e ruínas compõem a paisagem siciliana. Entretanto o olhar do viajante não recai apenas nos elementos naturais, ou nos culturais, mas também sobre o próprio destino do homem. A viagem cultural à Sicília resulta na apresentação da paisagem natural dura, áspera, vulcânica e também suave, singela e nos elementos

---

<sup>2</sup> As obras abordadas serão indicadas pelas seguintes siglas: SC (Siciliana), EE (Espaço Espanhol), JV (Janelas Verdes) e o número das páginas entre parênteses.

culturais que com aquela forma um conjunto, uma paisagem. Paisagem percebida pelo poeta-viajante e que é o resultado a ação de diversos povos que a habitaram e a daquelas pessoas que a habitam ainda. No entanto, a esfera afetiva, a bagagem de quem a experiencia revela um olhar que compreende as dimensões do tempo configuradas na ilha e simultaneamente profundamente humano, inquiridor. E isso constitui o espaço.

**Espaço Espanhol**, escrito entre 1966 e 1969 é uma espécie de complementação em prosa da obra poética *Tempo Espanhol*, publicada em 1959. Os lugares e temas são praticamente os mesmos nas duas obras. Nas Notas e variantes da edição das obras completas, encontramos o seguinte esclarecimento sobre a diferença entre as duas obras dedicadas à Espanha:

*Espaço Espanhol* é uma homenagem às pedras da Espanha, objetos e cores, e é uma homenagem visual assim como *Tempo Espanhol* era uma homenagem auditiva aos sons de Espanha, às palavras de seus poetas, temas de Calderón, temas de Góngora. Um diacrônico (*Tempo Espanhol*), outro sincrônico (*Espaço Espanhol*). (Notas e variantes, 1994. p.1698)

O poeta viajou pela Espanha nos idos de 1952 como turista e retorna depois como professor visitante. Os 32 fragmentos da obra constituem a descrição de cidades entre elas os grandes centros como Madri, Barcelona ou pequenas como Soria, Écijira. Como se tem observado nos livros de viagem de Murilo Mendes se mesclam descrições dos espaços físicos a referências históricas, culturais, artísticas.

Pela leitura da obra do poeta, percebe-se que Murilo Mendes já havia estabelecido uma relação com a Espanha mesmo antes de conhecê-la. No poema **Mapa** do livro de estreia **Poemas** (1930) escreve: “Estou com meus antepassados, me balanço em arenas espanholas,/ é por isso que saio às vezes pra rua combatendo personagens imaginários.” (MENDES,1994. p.116) Além dos antepassados, a Espanha havia lhe despertado sua atenção na infância, como registra quando relata sobre a prima Vera,

afetuosa parenta de quem me recordo por ter sido a única pessoa do tempo juiz-forano a mencionar a Espanha onde outrora viajara, trazendo-me ecos de palavras quase contemporâneas da formação do meu mundo: sapateado castanholas tourada zarzuela, a última me intrigando particularmente no meio das minhas já insônias.

( 1994, p. ....)

Se na infância é a prima que lhe traz a Espanha, ao visitar o país, o escritor descobre através de intelectuais amigos, notadamente João Cabral de Melo Neto. Além disso, a Espanha também lhe chegou através das inúmeras leituras. Os textos daí nascidos revelam uma presença de uma Espanha densa, mística e mítica. É através de um mergulho nas artes que a paisagem vai se revelando e simultaneamente uma cultura tratada plasticamente bem como o território físico, os monumentos, enfim, as paisagens que compõem a Espanha.

A cidade que abre o livro é Altamira, pré-histórica, construída sobre pedras e no deserto com o trabalho imemorial dos homens. Em Altamira os monumentos de arte paleolítica mostram a amplitude da perspectiva do observador. Essas marcas arqueológicas muito antigas encontradas em cavernas mostram a variedade de povos que habitaram a região. A descrição da localidade, com suas pinturas rupestres, é mediada pela presença de quem já havia escrito sobre ela como Ortega e Gasset e Américo de Castro.

A partir da observação da formação rochosa e das pinturas dos homens primitivos nas cavernas, empreende-se uma reflexão sobre a relação deste homem com o meio, com os animais destacando-se o touro, introduzindo a tauromaquia. A paisagem rochosa, as cavernas transportam o viajante para uma série de reflexões. O poeta no primeiro trecho do fragmento faz observação sobre a redescoberta turística de Altamira que também é reatualizada na escrita muriliana não só na descrição de suas pinturas rupestres, mas da própria história:

Altamira tornou-se um dos lugares da Espanha em consequência da operação moderna de cultura que redescobriu o pôs em relevo a arte rupestre.

•

Dá-se aqui o encontro da mentalidade atual com a intuição do "primitivo" que teria gravado estas pinturas há quarenta mil anos. O homem daquele tempo era jovem, nós que somos antigos.

•

Ortega e Gasset escreveu que Altamira "*de um golpe triplicado el horizonte de la memoria humana, de la historia, de la civilizacion*". (MENDES, 1994. p.1121)

Outra cidade que destacamos é Toledo onde se dá o encontro de três grandes culturas, a cristã, a judia e a mourisca que vão conformar sua paisagem construída. O viajante também destaca a posição natural da cidade, sobre rochas e banhada pelo rio Tejo, as casas penduradas nas alturas que dão à cidade um "caráter duro". Mas uma vez a descrição é permeada pela arte, as telas de El Greco; os escritos de Ramón Menéndez Pidal, Lope de Vega.

As pessoas comuns também constituem a paisagem muriliana, principalmente as mulheres toledanas "*terribles*" que fascinam o poeta. As manifestações culturais como a arte da *armería*, a procissão de *Corpus Christi* com as ruas e casas enfeitadas; as touradas e a culinária. A cidade, irregular, cotidiana, fantástica, repleta de história e arte nos é retratada:

Toledo: plantada num cenário da história que se acumula, que luta contra seu próprio enigma; exposta à realidade cotidiana dura, difícil nos seus trabalhos e seus dias. Lá em baixo, na casa-museu da duquesa de Lerna (lugar muito de se ver), o retrato do cardeal Tavera por El Greco poderia significar o estema da cidade: severa, apostando com a morte, autovisionária, recriada por um pintor do absoluto que, nascido longe, soube incorporá-la até o osso; provavelmente sua psique foi alterada pela planta irregular de Toledo. ( MENDES, 1994. p.1137)

Soria é uma das cidades de menor porte visitada pelo viajante que de início nos descreve a árida e fria paisagem física do lugar com renques de oliveiras e álamos e também os rebanhos de carneiros e a parameira que ocupa o primeiro plano. Essa descrição de um ambiente pobre, rural é motivo para que Murilo Mendes teça considerações sobre interesses econômicos e de castas que propagam a imagem de uma Espanha "irremediavelmente pobre".

Porém, o elemento humano, destacando-se a menina coquete a qual lembra a importância do elemento feminino não só no espaço espanhol, como em toda obra do poeta. Comparece ainda a descrição da paisagem construída na indivisibilidade entre a cidade antiga e a moderna e aí aparecem as pedras trabalhadas em templos. As ruínas, vestígios, margeiam o rio e o caminho de álamos, interessante conjunção de elementos que remetem à vida – água e árvores – e aqueles que remetem à morte – as ruínas.

Como não poderia deixar de acontecer, as descrições da localidade são permeadas por referências a artistas, escritores como Gerardo Diego e Antonio Machado que ajudam a estabelecer o “clima” da região de Castela à qual Soria pertence. E essa atmosfera é a junção entre o terrestre e o transcendente: “Ajuntarei que Soria, pela terra árida e fria, seus castelos fortes, imagem concreta da vida espiritual (“*Los Castillos*”), tangencia Ávila.” (1144)

No trecho final, o viajante descortina o deserto de Numância, de vegetação rasa e com restos de colunas que assinalam a resistência aos romanos. . Numância é o nome de uma população desaparecida a 7 km da atual cidade de Soria. Em sua visão que ultrapassa a simples descrição para refletir sobre a existência humana. E mais, na sua consideração sobre a resistência podemos vislumbrar a alusão ao período franquista, em que a violência contra aqueles que se opunham ao regime chegaram a chamuscar o estrangeiro que ousa resistir<sup>3</sup>, então o poeta declara: Resistência; não deveria ser esta a palavra de ordem universal? Resistência à agressão, à lei do lobo ou da raposa, a qualquer violência fardada ou não. (1144)

A paisagem de todas as cidades descritas guarda forte afetividade. A paisagem física, natural é apresentada através de aguda percepção sensorial de forma que ganha em concretude e visualismo. E não se descreve apenas cidades, mas também constrói seus tempos. Em mais de uma passagem é evidente sua preocupação com a alteração de uma ordem antiga para dar lugar à modernidade do século XX, quando, final da década de 60, a Espanha já abandonava seu caráter predominantemente rural. As imagens da Espanha, nessa obra, permitem uma reflexão estética em que se misturam a bagagem cultural e a sensibilidade aguçada, principalmente o elemento visual.

O livro **Janelas Verdes** foi concluído em 1970 e publicado parcialmente em 1989 numa edição que incluía desenhos feitos pela pintora Maria Helena Vieira da Silva e com tiragem de apenas 200 exemplares. Somente em 1994 saiu a edição completa e segundo o próprio autor, não é uma alusão ao famoso Museu das Janelas Verdes, mas refere-se a espaços abertos; à liberdade: ao campo e mar de Portugal, ao verde que ali nos envolve sempre (Notas e variantes, 1994. p. 1704)

O livro está dividido em dois setores, no *Setor I* temos a descrição de cidades e lugares que marcaram suas andanças sempre entrelaçados com referências literárias, históricas, lembranças do Brasil, com cotidiano mais banal, o monumental. O *Setor II*, apresenta os retratos de grandes vultos portugueses, na maioria são artistas – escritores, principalmente – construindo-se assim um painel pessoal de um Portugal cartografado por um olhar atento, reflexivo e afetivo. A título de ilustração, consideremos o relato sobre a cidade de Guimarães, primeira descrição do Setor I, na qual se destaca a figura do escritor Camilo Castelo Branco. Murilo Mendes nos informa que cidade de Guimarães é o berço da nacionalidade portuguesa e essa informação vira brincadeira, uma vez que ao nome oficial do reino é acrescentado o prefixo “des” e a palavra tungstênio como se se tratasse de território português, quando na verdade, designa um metal.

Evitando uma descortesia com a história, palavra hoje dominante das nossas vidas, não direi que sou insensível ao fato de em Guimarães ter nascido Dom Afonso Henriques, inventor do reino desunido de Portugal, África, Tungstênio e Algarve[...] (MENDES, 1994:1365)

O que se segue a esse trecho é atenção dada à quantidade de janelas da cidade que remete a características dos habitantes “Abrindo o povo tantas janelas, quer dizer (suponho) que é arejado, ama a vida, a comunicação” (p.1365). A janela, então, deixa de ser apenas uma abertura nas casas para tornar-se metáfora da expansão, da abertura para a vida. Além das janelas, as pessoas de Guimarães têm “ar festeiro” e saem à rua para as atividades cotidianas, mas também para “adiar o

---

<sup>3</sup> Sabe-se que Murilo Mendes foi impedido de retornar à Espanha devido ao que escreveu sobre a ditadura.

tediário” (p.1365). Num procedimento bastante recorrente em Murilo Mendes, aparecem as alusões a escritores (João de Araújo Correia, Sórora Maria Alcoforado) e a passagens da vida do poeta (rabanadas servidas pela prima Risoleta), numa *flanerie* que não é só espacial, mas também memorialística e cultural.

No texto muriliano não encontramos nem minúcia descritiva e analítica das peças de museu, mas encontramos as ruas de Juiz de Fora – cidade natal do poeta – e as moças janelleiras de ontem as ruelas de hoje. Estas remetem a Dante, São Paulo Apóstolo, a Herschel, ao cometa Halley e a Le Corbusier. A janela é tomada como metáfora se confirma com a citação, ao final do quarto bloco textual, a Calderón de la Barca quando se compara a função das janelas grande teatro do mundo: Debruçadas à janela se integravam no *Gran teatro del mundo*, conforme Calderón: ‘*que toda la vida humana/representacioneses.*’ ” (MENDES, 1994. p.1366). Murilo Mendes encerra seu texto considerando que debruçar-se às janelas poderá voltar ser instrutivo e a cidade de Guimarães seria o modelo de uma “Janelópolis universal”, um lugar utópico de invenção, de liberdade e de paz com janelas de várias cores dialogando. Assim Guimarães converte-se, a partir de sua história, de seus mitos, de suas características em ponto de partida para um desejo de utopia.

Se considerarmos que a atenção do viajante se concentra não nas paisagens, digamos físicas, ou seja, nas construções, prédios, objetos de museus, a conformação das ruas, mas toma uma particularidade dessa paisagem – as janelas – para construir uma outra “geografia” da cidade de Guimarães. No texto de Murilo Mendes, o seu “olho armado” reinventa a Guimarães visitada, como, por exemplo, na descrição da figura de Mumadona “Acreditando que fosse bela, belíssima, invento uma outra versão da sua figura”(p.1366). O personagem histórico – Mumadona – torna-se uma criação do poeta, que surge como paisagem: “Todas as janelas de Guimarães se espalancam em sua honra.” (MENDES, 1994. p.1366)

Assim o poeta juiz-forano, em *Janelas Verdes*, descreve uma paisagem que se vai construindo de modo descontínuo e fragmentário, por entre lugares de fascínio e pessoas que permearam sua relação afetiva com Portugal .

Os lugares e pessoas são presenças reais, mas também revelam um jogo dialógico em que vozes se entrelaçam na escrita muriliana. Tanto a paisagem natural, quanto a cultura estão presentes, mas não se descuida do significado humano. As descrições de paisagens naturais ou arquitetônicas estão sempre numa linguagem relacional e lúdica. Há uma constante alusão às belezas da paisagem natural, das comidas e as pessoas conhecidas ou anônimas.

## **Conclusão**

Murilo Mendes pouco menciona ao deslocamento, à viagem propriamente, o percurso, mas isso não elimina olhar sobre a paisagem, principalmente a urbana, com seus elementos humanos, culturais, arquitetônicos, entre outros. Não se pode esquecer que, além dos elementos naturais, as relações humanas com o seu meio, os elementos insólitos são convocados na descrição das paisagens murilianas. A paisagem que aí se apresenta não apenas comporta esses elementos, mas também compõem com eles um texto. Essas paisagens percorridas pelo poeta, em todas as dimensões que o conceito abarca, são revestidas pela sua bagagem, recobertas de afetividade,

O exílio voluntário de Murilo Mendes é importante para as experiências de deslocamento, em que se dão as trocas culturais, o rememorar. Assim a paisagem vista, funde-se, pelo olhar reflexivo do poeta, a outras – inclusive as dos tempos juiz-foranos, de forma que a escrita muriliana aproxima memória, paisagem e palavra. O poeta ao trazer à tona elementos e personagens da sua memória afetiva e relaciona-los com a memória cultural, instaura um lugar em que se cruzam o

objetivo e o subjetivo. Memória e tradição sob o olhar muriliano revelam espacialidades modificadas pela ação humana através dos tempos.

### **Referências Bibliográficas**

- ARAÚJO, Laís Corrêa de. *Murilo Mendes*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- ARRIGUCCI JR. Davi. *O cacto e as ruínas: a poesia entre outras artes*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.
- GUIMARÃES, Julio Castañón. *Territórios/conjunções: poesia e prosa críticas de Murilo Mendes*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- MAXIMIANO, Liz. Abad. Considerações sobre o conceito de paisagem. In: *R. RA'E GA*, Curitiba, n. 8, p. 83-91, 2004. Editora UFPR 85 . Disponível em: [calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/raega/article/viewPDFInterstitial/3391/2719](http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/raega/article/viewPDFInterstitial/3391/2719). Acesso em 25/06/07
- MENDES, Murilo. *Poesia Completa e Prosa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.
- PEREIRA, Gabriel da Cunha. Espaços urbanos, espaços deslocados em Murilo Mendes. In: *Cadernos de Semiótica Aplicada Vol. 4.n.1, junho de 2006*. Disponível em <http://www.fclar.unesp.br/grupos/casa/CASA-home.html>. Acesso em 10/06/2007.
- PEREIRA, Maria Luiza Scher. Nem manual, nem museu: Portugal em Saramago e Murilo Mendes. In: *Ipotesi*. EDUFJF, v. 4, n. 2, p. 87-97, 2000.
- RIEPEER, Ana. Cotidiano e paisagem – uma abordagem cultural . Disponível em <http://www.Canoadetolda.org.br/MemoriasBSF/Cotidiano%20e%20paisagem%20-%20uma%20abordagemCultural.pdf> Acesso em 23/50/07
- SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.
- SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SCHIER, Raul Alfredo. Trajetórias do conceito de paisagem na Geografia. *R. RA'E GA*, Curitiba, n. 7, p. 79-85, 2003. Editora UFPR Disponível em: [calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/raega/article/viewPDFInterstitial/3353/2689](http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/raega/article/viewPDFInterstitial/3353/2689) – Acesso em 15/03/07
- VALVA, Milena D´Ayala. Reflexões sobre espaço, lugar e paisagem. In: *ESTUDOS*. v. 28, n.1, p. 55-66, jan. fev. 2001.
- VIEIRA, Daniel de Souza Leão. Paisagem e imaginário: contribuições teóricas para uma história cultural do olhar. In: *Revista de História e Estudos Culturais*. v. 3, n.3. p.1-14, 2006. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/vol.php?PHPSESSID=31c074c82a9935efe370de254ace7c> – Acesso m 22/05/07

---

<sup>1</sup> **Ozana Aparecida do SACRAMENTO, Doutoranda**  
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

<sup>2</sup> **Vicente de Paula LEÃO, Doutorando**  
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)